

Resgate Histórico e Social dos Cinemas de Rua no Agreste de Pernambuco¹

Joebson José da Silva²
Amanda Mansur Custódio Nogueira³
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

RESUMO

Este artigo analisa o papel histórico e social das salas de cinema de rua, nas cidades de Caruaru, Garanhuns e Santa Cruz do Capibaribe, no Agreste de Pernambuco. A partir de uma abordagem interdisciplinar entre Comunicação e Sociologia, e com base em conceitos de Pierre Bourdieu, investiga-se como esses espaços atuaram como núcleos de sociabilidade e resistência cultural frente às transformações urbanas. Por meio de um levantamento histórico baseado em jornais, artigos e entrevistas, foi possível mapear vinte e três salas de exibição. A investigação revela práticas culturais e narrativas de pertencimento que reafirmam o cinema como fenômeno social.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema de Rua; Agreste; Pernambuco; Sala de Cinema; Sociabilidade.

INTRODUÇÃO

As primeiras exhibições cinematográficas no estado de Pernambuco ocorreram no início do século XX, sobretudo na capital, Recife, em espaços diversos como teatros, festas populares, circos, cafês e casas de diversão, demonstrando desde cedo a pluralidade dos contextos sociais em que o cinema se inscreveu (Trindade et al., 2018, p. 3). Com o tempo, essa prática de exibição extrapolou os limites da capital e alcançou o interior do estado, tornando-se um fenômeno cultural de abrangência regional.

Nesse processo de interiorização, o cinema passou a ocupar não apenas uma função de entretenimento, mas também de socialização e construção de imaginários sociais. Tornou-se um espaço de encontro entre diferentes segmentos da população — casais, famílias, grupos de amigos — e de projeção de realidades idealizadas que muitas vezes ultrapassavam o cotidiano local. Ainda na década de 1910, cidades do Agreste pernambucano, como Caruaru, Garanhuns e Santa Cruz do Capibaribe, inauguraram suas primeiras salas de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE02 - Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e-mail: joebson.jose@ufpe.br

³ Professora do Curso de Comunicação Social do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), email: amanda.nogueira@ufpe.br

cinema. Caruaru foi pioneira na formação de público e na exibição de filmes, logo seguida pelas demais cidades que se tornaram polos regionais de difusão cinematográfica.

É necessário considerar, como propõe Pierre Bourdieu (2005), que “o campo é um espaço de relações objetivas entre indivíduos, coletividades ou instituições, que competem pela dominação de um cabedal específico”. Nesse sentido, os cinemas de rua podem ser compreendidos como dispositivos inseridos em um campo cultural específico, onde diferentes agentes (empresários, exibidores, espectadores) disputavam prestígio, reconhecimento e influência por meio da mediação audiovisual.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo mapear e analisar as salas de cinema antigas de rua em três cidades do Agreste pernambucano, com o intuito de constituir um registro histórico e sociológico desses espaços extintos, mas fundamentais para a cultura local. A partir da análise de fontes históricas como jornais da época, artigos acadêmicos e entrevistas, busca-se compreender a dimensão simbólica, social e política que essas salas ocuparam ao longo do século XX, especialmente diante das transformações urbanas e tecnológicas que impactaram o campo cultural da região.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A presença das salas de cinema de rua no interior de Pernambuco, a partir da década de 1910, revela não apenas uma expansão do entretenimento, mas a consolidação de práticas culturais e simbólicas que envolveram disputas sociais e produção de sentidos. Para compreender esses espaços além da função recreativa, este estudo se apoia na teoria de Pierre Bourdieu, particularmente em seus conceitos de “campo”, “capital” e “*habitus*”, que permitem situar os cinemas como elementos estruturantes de um campo cultural local.

Segundo Bourdieu (2007), o campo cultural é um espaço de relações de força e de disputa entre agentes que buscam legitimar seus capitais simbólicos. No caso dos cinemas de rua, exibidores, empresários e figuras públicas locais disputavam prestígio ao controlar a curadoria dos filmes, a estrutura física das salas e o acesso do público.

Nesse contexto, o conceito de *habitus* — disposições incorporadas que orientam gostos e práticas — é essencial para entender como os públicos se formavam em torno do cinema (Bourdieu, 2005). Frequentar determinadas salas, escolher determinados filmes ou se comportar de certa forma nesses ambientes era expressão de hábitos distintos, enraizados em trajetórias sociais e capitais acumulados. Assim, o cinema de rua atuava como espaço de

socialização e também como palco de segmentações sociais sutis, marcadas por classe, idade e escolarização.

CARTOGRAFIA HISTÓRICA DAS SALAS DE CINEMA DE RUA NO AGRESTE PERNAMBUCANO

O Agreste do estado já abrigou dezenas de cinemas de rua que, ao longo de mais de um século, passaram por períodos de auge, reformas, crises, destruições e transformações em farmácias, igrejas e outros estabelecimentos. No entanto, pouco se fala sobre as histórias, curiosidades e experiências sociais que marcaram esses espaços e os modos de vida da população regional. Algumas cidades registraram diversas ocorrências, enquanto outras sequer chegaram a contar com uma sala de exibição.

O primeiro cinema de Caruaru e também do Agreste de Pernambuco foi o Cine Palace, fundado em 1910 pelo coronel João Guilherme (Diário de Pernambuco, 1910, edição 289). Ainda na mesma década, surgiram o Cine Ideal, do italiano Vincenzo Ponzo (Jornal do Recife, 1913, edição 293); o Cine Jupy, fundado entre 1910 e 1913 pelo coronel José Soares de Amorim (Jornal Pequeno, 1915, edição 242); e o Cine Luzo-Brasileiro, de José Barros Coelho (Jornal do Recife, 1918, edição 338).

Em 1921, foi inaugurado o primeiro grande cinema da cidade, o Cine Theatro Rio Branco, sob liderança do coronel Alfredo Ramos e de Anselmo Freire (Diário de Pernambuco, 1921, edição 156). Em 1925, o espaço foi adquirido por João Condé, que o reformou. Após sua morte, o cinema foi reinaugurado como Cine Theatro Avenida, sob administração de Ismael Hugo de Amorim (Jornal do Recife, 1925, edição 95; Diário da Manhã, 1936, edição 830).

Em 1939, buscando concorrer com o Cine Avenida, Santino Cursino inaugurou o Cine Teatro Caruaru (Diário da Manhã, 1939, edição 311). O espaço destacou-se por receber apresentações de artistas importantes e se consolidou como principal sala da cidade nas décadas seguintes. Em 1947, diante do monopólio de Cursino, surgiu o Cine Santa Rosa, construído por Victor Américo e logo adquirido por Miguel das Molas (Junior, 2018). Com capacidade para 1.500 pessoas, o cinema forçou Cursino a reformar sua sala, que acabou sendo demolido em 1974 para a construção de uma agência do Banco do Brasil (Diário de Pernambuco, 1973, edição 194).

Somente em 1964, após dificuldades burocráticas com o poder público, os irmãos José e Djalma Maciel conseguiram inaugurar o Cine Irmãos Maciel (Diário de Pernambuco,

1964, edição 95). Em 1966, o espaço passou a sediar o Cinema de Arte de Caruaru, e na mesma década os irmãos também adquiriram e reformaram o Cine Santa Rosa, que foi reinaugurado em 1967 (edições de 1964, 1966 e 1967).

O último cinema a encerrar suas atividades na cidade foi o Cine Max, que localizava-se perto da prefeitura, o cinema pornográfico foi inaugurado em 2002 e encerrado durante a pandemia da Covid-19 (Junior, 2018).

No Agreste Meridional, a cidade de Garanhuns também contou com importantes espaços cinematográficos. O Cine Trianon, inaugurado em 1928, foi um dos primeiros, encerrando suas atividades por volta de 1950. Em seguida, o Cine Glória, de Assis Freire, tornou-se destaque ao adquirir, em 1933, equipamentos para exibição de filmes falados e musicais (Diário da Manhã, 1931, edição 524). Já em 1948, foi fundado o Cine Eldorado, por José Maria Dourado, com sala única e capacidade para 600 pessoas (Belo, 2019, p. 135 e 138). Enfrentando problemas estruturais e queda de público, o cinema foi fechado em 1980.

O Cine Theatro Jardim foi inaugurado em 1949 por Joaquim Leônicio de Lima e Agenor Ferreira de Moraes. Com capacidade para mais de 1.400 pessoas, foi também chamado de monumental edifício o primeiro filme nacional exibido foi "E o Mundo se Diverte" (1948) (Diário de Pernambuco, 1949, edição 223; Belo, 2019, p. 135).

Em 1962, surge o Cine Veneza, fundado por Manuel Luís de França e seu filho. Com a morte do fundador no início da década de 1970, nasce o Cine França, inaugurado em 1977 no mesmo local (edições de 1961 e 1976). Após seu encerramento no início dos anos 1980, o espaço deu lugar ao Cine Ritz, ativo entre 1984 e 1988. Garanhuns também contou com um Cinema de Arte, iniciado em 1964 no Cine Jardim e posteriormente transferido para o Cine Veneza (Diário de Pernambuco, 1964, edição 113). Em 2005, o Cine Eldorado foi reaberto por um empresário recifense e permanece ativo até hoje, sendo o único cinema de rua ainda em funcionamento na cidade.

No Agreste Setentrional, o primeiro cinema de Santa Cruz do Capibaribe foi o Cine Santa Cruz, inaugurado em 1928 por Luís Alves da Silva. Além de exibir filmes mudos acompanhados por valsas da Sociedade Musical Novo Século, o proprietário foi responsável por levar eletricidade e rádio à vila. Após seu falecimento em 1950, o cinema passou a ser gerido por seu filho, Mário Limeira Alves, que o rebatizou de Cine Compostelano (Silva, 2013, p. 4 e 6). Em seguida, a sala foi arrendada a diversos exibidores, entre eles Zé Mota, Álvaro Damascena e Antônio Papagaio, todos com breves períodos de atuação (p. 7). A

gestão mais duradoura foi a de Djair Barbosa, entre 1963 e 1966, que renomeou o espaço como Cine Capibaribe. O cinema foi fechado após a inauguração do Cine Bandeirante em 1966, de propriedade de Joel Moraes, cunhado de Djair, que o convidou para ser operador do novo espaço.

O Cine Bandeirante destacou-se como ambiente de socialização juvenil nas décadas de 1960 e 1970, sendo cenário de paqueras, modismos e manifestações da cultura jovem, como a Jovem Guarda (Silva, 2013, p. 7–8). Com o tempo, o cinema enfrentou dificuldades financeiras e queda de público, encerrando suas atividades com exhibições de filmes pornográficos e de artes marciais (p. 7–12).

Em 1984, Mário da Silva Neves tentou revitalizar o cinema na cidade com um novo Cine Santa Cruz, que depois passou a se chamar Marisa Neves. Apesar do entusiasmo inicial, a sala perdeu público já em 1985, em função da crescente popularização dos televisores e videocassetes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema de rua no Agreste de Pernambuco foi mais do que uma forma de entretenimento: constituiu um espaço de socialização, distinção simbólica e construção de identidades locais. Ao mapear 24 salas nas cidades de Caruaru, Garanhuns e Santa Cruz do Capibaribe, evidenciou-se o papel fundamental dessas estruturas na formação de públicos, na valorização da experiência coletiva e no fortalecimento da vida cultural urbana do interior.

Com o avanço das mídias eletrônicas e das formas de consumo audiovisual ligadas ao mercado, como os cinemas em shopping centers, as salas de rua perderam centralidade. À luz da teoria de Pierre Bourdieu, esse processo revela uma reconfiguração no campo cultural regional, marcada pela substituição de formas locais de capital simbólico por lógicas massificadas. Preservar a memória desses cinemas, portanto, é também preservar os modos de sociabilidade e as narrativas coletivas que moldaram o imaginário e a cultura do Agreste pernambucano.

REFERÊNCIAS

BELO, José Eudes Alves. **Nas colinas onde o Nordeste garoa:** Narrativas, memórias e práticas de espaço na cidade de Garanhuns - PE (1937-1951). 2019. 176 p. Dissertação de mestrado.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção:** crítica social do julgamento, tradução de Daniela Kern e Guilherme J.F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva; 2005.
JUNIOR, Frank. **Um breve histórico dos cinemas de Caruaru**. 27 set. 2018. Disponível em:
<https://medium.com/a-ponte/um-breve-histórico-dos-cinemas-de-caruaru-2b369a42ba48>. Acesso em:
25 abr. 2025.

BRASIL. Biblioteca Nacional. **Diário da Manhã**. Recife, 1927-1985. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=093262&pesq=>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BRASIL. Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**. Recife, 1825-1996. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=029033&pesq=>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BRASIL. Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**. Recife, 1858-1938. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=705110&pagfis=34363>. Acesso em: 10 fev.
2025.

BRASIL. Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**. Recife, 1898-1955. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800643&pesq=&pagfis=521>. Acesso em:
10 fev. 2025.

SILVA, Flávia Danielly de Siqueira. **Nem só de tecido vive a capital da sulanca: o cinema como espaço de lazer e sociabilidade em Santa Cruz do Capibaribe - PE**. 2013. 15 p. Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2013. Disponível em:
<http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/2560>. Acesso em: 7 fev. 2025.

TRINDADE, Isabella Leite *et al.* **A modernidade das salas de cinema do Recife**. 2018. p. 15.
Disponível em: <https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/01/Isabella-Leite-Trindade.pdf>.
Acesso em: 1 maio 2025.